

THORSTEIN VEBLÉN E ALFRED MARSHALL: EVOLUCIONISMOS NA CIÊNCIA ECONÔMICA

Fernando Krauzer
Paulo Sérgio Fracalanza
Manuel Ramon Souza Luz

Resumo: O objetivo precípua deste ensaio repousa na observação e análise das contribuições de Thorstein Veblen e Alfred Marshall, tendo como foco seus inquéritos científicos e argumentações evolucionárias. Atenção especial é cedida à temática “evolucionária”, entendendo que se trata de inquietação recorrente no período de discussão destes pensadores, bem como fundamental na compreensão dos desdobramentos das ideias econômicas daquele período em diante. Para tanto, este ensaio divide-se em três seções, além de uma introdução e das considerações finais. Em uma primeira seção, visando esclarecer algumas distinções centrais, busca-se uma breve apresentação acerca das idealizações evolucionárias de Darwin e Spencer. A segunda seção é destinada a análise das concepções de Veblen e Marshall em relação aos seus objetos de estudo, observando seus respectivos inquéritos científicos e suas relações com os ímpetus evolucionários. Finalmente, na terceira seção, aglutinando os diálogos anteriores, são observadas as características fundamentais das contribuições teóricas de Veblen e Marshall em relação às suas respectivas influências evolucionárias de Darwin e Spencer. Argumenta-se que Veblen apresenta contribuições notáveis e recorrentes em seu objetivo de construção de uma ciência econômica evolucionária de veia darwiniana. Marshall, por outro lado, utiliza-se da temática evolucionária, majoritariamente, em seu sentido metafórico, cedendo poucos espaços para uma leitura econômica processual, sendo que, quando o faz, parece associá-la a uma lógica melhorativa, delatando a especificidade de sua influência spenceriana.

1. Introdução

Thorstein Veblen e Alfred Marshall apresentam trajetórias consideravelmente distintas em suas proposições teóricas. Esta distinção repousa em, dentre outros fatores, suas díspares inspirações e contextos intelectuais. Nestes termos, vários autores já discorreram, conjuntamente e individualmente, acerca destes pensadores (Camic & Hodgson, 2011; Rutherford, 2011; Mattos, 2010; Glassburner, 1955; Keynes, 1925). Porém, atenção ainda tímida é dada à proposição aparentemente comum de Veblen e Marshall em relação a uma análise evolucionária que, apesar de no caso de Veblen ser parte fundamental e recorrente de suas contribuições, no caso de Marshall repousa em apenas alguns elementos argumentáveis de uma metáfora biológica.

Veblen (1989; [1899] 2009) apresenta contribuições que abordam a temática evolucionária de modo recorrente, caracterizando-se como uma de suas principais contribuições não só ao pensamento econômico, mas do pensamento das ciências sociais como um corpo único. Em suas bases, Veblen destaca a sua influência evolucionária oriunda de Charles Darwin. Por outro lado, Marshall ([1898] 1925; [1890] 2013) se abastece de diferentes metáforas ao longo de seus trabalhos, dentre as quais emergem aproximações ao campo biológico, em específico de sua capacidade explicativa acerca da

organicidade de seu gradualismo e identificação de forças fundamentais (leis econômicas)¹. Diferentemente de Veblen, Marshall apresenta sua influência evolucionária na figura de Herbert Spencer.

Tendo como ponto de partida estas inquietações, o ensejo central deste ensaio repousa na adequada compreensão das distinções destes autores em relação às suas propostas de análise econômica. Por óbvio, as já comentadas questões inspiracionais e conjunturais também compreendem parte deste esforço, ainda que de maneira complementar. Desse modo, neste ensaio são analisadas as proposições teóricas de Veblen e Marshall em relação às suas aproximações com a temática evolucionária, compreendendo suas divergências e implicações.

Deve-se frisar que se entende nesta diligência a necessidade de melhores ponderações entre os antagonismos presentes na teoria econômica destes autores. Afinal, conforme repousam em vasta bibliografia, as distinções entre Veblen e Marshall estendem-se do campo epistemológico para o teórico (ver Camic & Hodgson, 2011; Groenewegen, 2007). Em mesmo sentido, são também observadas considerações de potencial sobreposição de interesses, quando os autores se debruçam em promover análise econômica associada às inspirações biológicas, ainda que no caso de Marshall, conforme já comentado, isto ocorra de forma esparsa, em seu sentido metafórico, e não sistemático.

Destarte, entende-se que os atributos evolucionários em Veblen e em Marshall constituem diferentes papéis. Veblen constrói sua teoria institucionalista com base numa epistemologia evolucionária. Afinal, para Veblen, a construção de uma teoria econômica deveria estar pautada no processo de causação cumulativa, na qual se elencam os instintos e hábitos na formulação das instituições ao longo do tempo² (Veblen, [1899] 2009; [1914] 2018). No caso de Marshall, diferentes metáforas se fazem presentes em sua construção teórica, dentre as quais a biologia econômica se insinua como um dos principais atributos de uma tratativa alegadamente evolucionária³ (Marshall, [1890] 2013; ([1898] 1925)).

¹ Conforme buscará se argumentar adiante, a percepção de “leis fundamentais” na ciência econômica converge com a influência spenceriana nos escritos marshallianos, bem como explícita a capacidade unificadora de teoria evolucionária e mecânica newtoniana nos escritos do autor.

² É nestes termos que repousam as influências filosóficas, psicológicas e antropológicas de Veblen; na busca pela compreensão do humano e sua sociabilidade através da história (Landsman, 1957; Edgell & Tilman, 1989). Adiante, ainda neste ensaio, serão abordados elementos teóricos pertinentes à compreensão da teoria institucionalista vebleniana.

³ Esta passagem, além de situar em termos adequados as distinções entre Veblen e Marshall, também tem o importante papel de apresentar as diferentes características semânticas da discussão. Afinal, na construção das teorias econômicas, as inspirações teóricas de outras ciências são recorrentes de diferentes modos, como por exemplo, através de analogias, metáforas, figuras de linguagem, ontologias, dentre outros. No caso de Veblen, o caráter evolucionário parece se construir em ponto pacífico na ideia de uma epistemologia evolucionária (ver Edgell & Tilman, 1989). Porém, quando analisado o caso de Marshall, essa relação mostra-se construída em elementos fundamentalmente diferentes, se destacando, principalmente, em sua característica vaga e desconexa de um corpo teórico e/ou epistemológico. Nestes termos, Marshall parece se utilizar da lógica evolucionária em seu sentido metafórico, na busca por uma retórica econômica que, adiante, conforme aqui buscará se argumentar, apresenta papel e função *sui generis*. Complementarmente, pode-se construir destaques em relação às potenciais analogias presentes no debate econômico e evolucionário, como por exemplo, no caso do darwinismo generalizado, apresentado e defendido por Hodgson (2005; 2009; 2010). Neste caso em específico, a epistemologia vebleniana é debatida em termos analógicos aos da evolução biológica. Estas discussões podem vir a ser

Buscando sua completude, este ensaio divide-se em três seções, além desta introdução e das considerações finais. Uma primeira seção objetiva esclarecer as distinções que aqui serão centrais com uma breve apresentação acerca das idealizações evolucionárias de Darwin e Spencer. Na segunda seção, busca-se analisar a concepção de Veblen e Marshall em relação ao seu objeto de estudo, observando aquilo que compõe seus respectivos inquéritos científicos e suas relações com os ímpetus evolucionários. Finalmente, a terceira seção pretende aglutinar os diálogos anteriores, observando as características fundamentais das contribuições teóricas de Veblen e Marshall em relação às suas respectivas influências evolucionárias de Darwin e Spencer. Tempo e espaço são sempre uma questão, portanto, uma vez que a totalidade de suas contribuições não podem ser aqui discutidas, selecionam-se obras e elementos em específico que se compreendem como úteis nos esforços idealizados.

2. Tirando o Elefante da Sala: Algumas Considerações Sobre Contexto e Distinções das Teorias Evolucionárias de Darwin e Spencer

Conforme destacado por Freeman (1974), o século XIX foi marcado pelas perspectivas evolucionárias em suas diferentes concepções. Havia uma efervescência de ideias que direcionavam o conhecimento humano à compreensão da origem e dos processos orgânicos (Freeman, 1974; Mayr, 1991). Em grande medida – seja por seus idealizadores originais ou por seus comentadores – estas teorizações transcendem o campo das ideias biológicas e passam a flertar com questões sociais. É neste sentido que, para a discussão que aqui se enseja, Charles Darwin e Herbert Spencer detêm papel de destaque.

De início, é importante ser frisado que as perspectivas evolucionárias de Darwin e Spencer são radicalmente diferentes (ver Darwin, [1859] 2014 e Spencer, [1862] 2009). Darwin esteve associado à ideia de evolução como um processo de mudança cumulativa: a transmutação. Este processo se daria de maneira cega, porém não aleatória, pois respeitava as características ambientais que seriam responsáveis pela perpetuação daqueles organismos melhor adaptados. Portanto, Darwin ([1859] 2014) não vislumbra o processo evolucionário através do progresso. Afinal, a ideia de transmutação não conjectura antecipação em sua ocorrência.

Conforme apontamentos de Darwin ([1859] 2014), a seleção natural utiliza-se dos princípios da variação e herança, caracterizando-se por um processo de descendência com modificação. As variações que se distinguem em êxito em sua perpetuação ampliam sua hereditariedade, destacando sua adaptação ao meio que está inserida. Esta adaptabilidade não responde, necessariamente, a um melhoramento, mas sim a uma adequação funcional. Portanto, pode-se argumentar que em sua teoria evolucionária, Darwin ([1859] 2014) se utiliza de uma percepção de *causa eficiente* que, por definição, difere de uma *causa final* (teleológica) (Luz & Fracalanza, 2012).

melhor desenvolvidas em trabalhos futuros. Maiores considerações sobre estas distinções conceituais e semânticas podem ser encontradas em Mirowsky, (1994).

A devida compreensão de que o processo evolucionário darwiniano é desdobrado através do princípio da causa eficiente é fator fundamental para sua elucidação. Nesta lógica, as características são selecionadas na medida em que os organismos vivos são colocados à prova pela sua capacidade adaptativa ao ambiente. Este processo seletivo, por sua vez, se manifesta na perpetuação (ou não) destas características no organismo em questão. Sendo assim, adaptabilidade diz respeito à eficiência desta característica em seu papel no organismo e no ambiente. É justamente nestes termos que se tem como pacífico o entendimento de que esta lógica seletiva não imputa resultado antecipável ao seu processo (Darwin, [1859] 2014).

Com base em suas considerações, Darwin ([1859] 2014) estabelece o paralelo – bastante elucidativo – do processo evolucionário com o crescimento e ramificação de uma árvore. Nesta imagem, Darwin entende que cada galho desta árvore compreende uma nova espécie, sendo possível que se retroceda aos galhos e troncos anteriores vislumbrando o histórico de evolução. Em mesmo sentido, conjectura-se também a dependência dos novos ramos em relação aos galhos já estabelecidos, ainda que não se determine quais serão seus padrões futuros. Este paralelo traçado por Darwin ([1859] 2014) mostra-se bastante útil no esclarecimento de sua teoria evolucionária na medida em que é auxiliar à compreensão do processo de causação cumulativa. Afinal, ainda que não se determine os desdobramentos futuros, entendem-se as relações e implicações da cumulatividade de características anteriores. Em mesmo sentido, esta mesma elucidação é auxiliar na compreensão da coexistência de diferentes espécies originadas de um único ancestral comum.

Portanto, o processo evolucionário darwiniano, pautado na descendência e cumulatividade de características, desdobra-se de maneira cega. Seu processo seletor caracteriza-se pela transmutação, uma vez que transcorre através da variedade e herança ao longo do tempo. Na medida em que variações ocorrem no organismo, a seleção natural prova sua capacidade adaptativa. Uma vez que estas variações se destacam em sua perpetuação e hereditariedade, passam a se desenvolver como característica comum àquele organismo. Complementarmente, entende-se o processo de extinção como correlato à seleção natural, na medida em que os organismos inaptos à adaptabilidade perecem.

Spencer ([1857] 2002; [1862] 2009), por outro lado, destaca o processo evolucionário como direcionado a uma finalidade melhorativa, gerando insinuações controversas em relação ao processo no qual a evolução ocorre quando em comparação com a perspectiva darwiniana⁴. Segundo Spencer ([1862] 2009; [1857] 2002), a evolução pode ser compreendida como o processo de mudança da homogeneidade incoerente para a heterogeneidade coerente⁵. Nesta estruturação lógica do processo evolucionário, Spencer sintetiza a concepção de suas ideias antecipáveis que balizam a teleologia em suas contribuições.

⁴ Esta distinção é fundamental, pois destaca os antagonismos e irreconciliações da teoria darwiniana e spenceriana.

⁵ Conforme salientam seus comentadores, esta percepção de Spencer parece ser fortemente influenciada pelo embriologista Karl Ernest von Baer (ver Hodgson (1993) e Luz & Fracalanza (2012)).

Uma vez que na teorização de Spencer, a evolução ocorre através do processo de heterogeneização no tempo, entende-se que os organismos mais evoluídos têm como característica a maior complexidade, quando em comparação com suas versões anteriores. Para além de uma predição, esta lógica evolutiva também é carregada pelo juízo de valor em sua concepção, na medida em que hierarquiza os diferentes estágios de evolução em uma cronologia linear. Neste sentido, diferindo fundamentalmente de Darwin, pode-se dizer Spencer baseia sua teoria evolucionária em uma *causa final* (Luz & Fracalanza, 2012).

É importante que seja frisada a forte influência lamarckista no entendimento de evolução de Spencer, compreendendo que a adaptabilidade é resultante do uso e desuso de características do organismo (Spencer, [1851] 2009). Neste sentido, o processo evolucionário, conforme entendimento de Spencer ([1951] 2009), está ligado a uma tendência progressiva inerente. Esta força, por sua vez, se destaca não só no mundo biológico em seu sentido natural, mas também em sua lógica de progresso humano (Freeman, 1974). Conforme se destaca em seus escritos, nesta perspectiva universalista e progressiva do processo evolucionário, Spencer apresenta e defende a dinâmica entre aquilo que chama de “leis fundamentais” e “leis fenomênicas” (Spencer, [1951] 2009; [1862] 2009).

Segundo Spencer ([1951] 2009; [1862] 2009), as leis fundamentais representariam o conjunto de explicações cedido pela física e que são responsáveis pela regência de todos os fenômenos do universo. Já as leis fenomênicas são aquelas que regulam o percurso das transformações do mundo material impostas pelas leis fundamentais. Logo, Spencer especifica a regência do processo evolucionário pela sua relação com os princípios físicos universais, ecoando e fortalecendo suas bases teleológicas (Spencer, [1862] 2009).

Portanto, o processo evolucionário spenceriano desdobra-se em perspectiva antecipável, na medida em que antevê o resultado da evolução através da mudança da homogeneidade para a heterogeneidade. Em mesmo sentido, pode se compreender que este processo evolucionário se destaca pela lógica melhorativa dos organismos, uma vez que se direciona através do progressismo de suas bases lamarckistas. Esta lógica antecipável também é ecoada através de suas considerações em relação às conexões do mundo natural, mais especificamente, quando se analisam as relação entre leis fundamentais (da física) e as leis fenomênicas (da evolução). Portanto, as contribuições teóricas de Spencer detêm papel *sui generis* na tratativa evolucionária.

Complementarmente, nesta comparação, devem ser compreendidas também as ambições de análise destes autores. Darwin ([1859] 2014) compromete-se exclusivamente à temática biológica, seus processos e princípios. Spencer ([1862] 2009), por outro lado, elenca elementos propositivos da temática evolucionária que se aplicam de forma expansiva à universalidade das análises, caracterizando-se por uma “doutrina geral da evolução”. Esta característica das proposições spencerianas lhe concederá papel de destaque nos transbordamentos às ciências sociais, principalmente

através das ideias eugenistas do fim do século XIX e início do século XX⁶. Porém, no avançar das ideias biológicas acerca do processo evolucionário, Darwin ocupará papel de destaque na ciência moderna, enquanto Spencer padecerá em sua posição de teórico superado (Mayr, 1991).

Para além de teóricos paralelos à temática evolucionária, também é reconhecido o papel de críticos mútuos em relações às suas proposições. Ainda em vida, Darwin posicionou-se contrário às teorizações spencerianas, sendo ávido crítico de sua concepção dedutiva e teleológica (ver Freeman, 1974). Em mesmo sentido, Spencer também se posicionou contrariamente à perspectiva darwiniana em diferentes oportunidades, destacando que suas considerações partem de uma origem independente (ver Freeman, 1974). Portanto, o paralelo temático e temporal entre Darwin e Spencer não deve ser confundido com complementariedade ou sobreposição, uma vez que estas teorias se desenvolvem de maneira autônoma e irreconciliável (Freeman, 1974, p. 215).

Sendo assim, ainda que estas apresentações não se pretendam extensivas, pode-se notar que, apesar de um contexto comum de inquietações evolucionárias, as diferentes concepções desta temática levam seus estudiosos a diferentes interpretações deste processo. Neste sentido, dadas estas fundamentais distinções em seus influenciadores, justificavelmente, Veblen e Marshall também trazem contribuições divergentes e irreconciliáveis. Porém, antes de analisar suas considerações especificamente evolucionárias, mostra-se pertinente ceder a devida atenção ao contexto e à formação de inquérito científico destes economistas. Afinal, a temática evolucionária de fato compunha elemento imperativo na concepção teórica destes autores? Em caso afirmativo, em que sentido e com qual propósito ocorre esta incorporação?

Buscando elencar argumentos às respostas destas questões, dedicam-se as próximas duas seções deste ensaio.

3. Inquérito Científico e Proposições Teóricas: O Que Buscavam Veblen e Marshall?

Veblen nasceu nos Estados Unidos no dia 30 de julho de 1857. Jorgensen & Jorgensen (1999) o destacam como brilhante aluno prodígio, caracterizando-se por ser leitor ávido das mais diferentes áreas do conhecimento, ainda que em especial das ciências humanas e sociais. Veblen deteve dois PhDs, sendo o primeiro em filosofia pela *Yale University*, no ano de 1884, e o segundo em economia pela *Cornell University*, em 1891. Lecionou em universidades de prestígio, como *University of Chicago*, *Stanford University*, e *University of Missouri* (Jorgensen & Jorgensen, 1999). Considerações recorrentes são feitas sobre sua trajetória, principalmente destacando peculiaridades de sua personalidade e sua escrita abstrusa (Cavaleri, 2009; Krauzer, 2017).

⁶ Galbraith (1977) apresenta na exposição de seu capítulo dois os impactos das teorizações spencerianas nos EUA do fim do século XIX. Fica evidente a ampla adesão da lógica evolutiva de Spencer nos ímpetus sociais de uma sociedade cada vez mais desigual. Construía-se ali a ideia de superioridade daqueles que, por algum motivo, destacavam-se nas hierarquias sociais de poder, garantindo-os os inquestionáveis méritos de seus feitos.

Em seu esforço de tese, Cavalieri (2009) destaca importantes considerações de contexto histórico e intelectual de Veblen. Segundo o autor, em sua economia institucionalista, Veblen teria refletido as ideias reformistas do capitalismo norte-americano, destacando-o por fazer parte de um cenário intelectualmente rico do período da *Gilded Age* e da Era Progressiva (Cavalieri, 2009). Em sentido semelhante, Parrish (1967) sinaliza as importantes características de fertilidade de ideias na academia norte-americana, principalmente nos anos de formação da ciência econômica como disciplina – período no qual Veblen estava inserido. Complementarmente, Rutherford (2011) é incisivo em destacar a pluralidade e a interdisciplinaridade como fatores fundamentais na construção do pensamento institucionalista que, apesar de se fundar em Veblen, desenvolve-se ao longo das primeiras décadas do século XX em terreno feraz.

Marshall nasceu na Inglaterra no dia 26 de julho de 1842. Keynes (1925) o destaca através de seu forte interesse pela matemática e temática religiosa. Teve em seus direcionamentos intelectuais o contato com a economia através de reflexões acerca da ética e da moralidade. Foi na fusão destes interesses que Marshall passou aos estudos de economia política, principalmente compreendendo sua necessidade de sistematização teórica e matemática (Keynes, 1925; Pigou, 1925). Estudou na *Merchant Taylor's School* e no *Saint John's College*, lecionou em importantes universidades, como na *University College of Bristol*, *Cambridge University* e na *Oxford University*. Complementarmente, também se destaca pela característica de preocupar-se com sua capacidade de clareza, abalizando a ideia de que seus esforços teóricos eram construídos com objetivo da sistematização do conhecimento na área econômica (Keynes, 1925; Taussig, 1924).

Em seu contexto de contribuição na Inglaterra, Marshall encontrava-se entre a crise da Economia Política Clássica e a consolidação do pensamento marginalista (Mattos, 2010). Conforme avulta-se, Marshall procurou destacar-se não pela radicalização de suas contribuições, mas pela devida incorporação das considerações marginalistas – principalmente de Jevons – às proposições teóricas do pensamento clássico. Importante destacar que especialmente Ricardo e Mill figuraram como importantes influências nas teorizações de Marshall, compondo também tradicionais nomes da já consolidada disciplina econômica da Inglaterra (Mattos, 2010; Glassburner, 1955).

Tanto Veblen quanto Marshall vislumbraram contato com a lógica evolucionária da biologia (Veblen, 1898; [1899] 2009; Marshall, [1890] 2013; [1898] 1925). Veblen é explícito nestas considerações, enquanto Marshall a utiliza em seu sentido metafórico que, deve-se frisar, é dispersa em seu corpo teórico. Os díspares contextos e personalidades já nos demonstram as potencialidades e, até mesmo, justificativas para estas distinções entre os autores.

Desde já, mencionam-se as diferenças de interesses progressos entre estes pensadores. Veblen desdobra-se em estudos através de suas inquietações filosóficas e sociais, enquanto Marshall desdobra-se em estudos através de seus interesses pela matemática e discussão ética (que, naquele momento,

matura-se no autor através do viés teológico) (ver Keynes, 1925). Em mesmo sentido, mencionam-se também distinções em termos de terreno contextual. Veblen encontrava-se em uma academia plural, pouco disciplinar e de uma construção incipiente acerca dos estudos econômicos, enquanto Marshall apresenta-se em cenário de uma veia economicista bastante tradicional, difundida e já consolidada (Rutherford, 2011; Pigou, 1925).

Estas distinções, dentre outros fatores, levam estes pensadores a concepções bastante distintas de seu objeto de estudo. Suas ideias e propostas parecem emergir de questões (*inquiries*) consideravelmente divergentes. Sendo assim, como proposta analítica, parece fundamental que se compreenda inquietações fundamentais destes autores para com a ciência econômica. Afinal, estas inquietações empreendem papel fundamental na estruturação dos inquéritos científicos destes pensadores. Uma vez que seus inquéritos científicos são postos em evidência, gera-se uma via de compreensão de suas intenções acerca da especificidade evolucionária; ponto central deste ensaio. Portanto, nas seções seguintes exploram-se, em primeiro momento, a declarada questão vebleniana de “*por que a economia não é uma ciência evolucionária?*” e, em seguida, a potencial questão marshalliana de “*por que a economia não é sistematizada em leis econômicas?*”⁷.

3.1. Sobre Thorstein Veblen: por que a economia não é uma ciência evolucionária?

A compreensão das considerações de Veblen acerca da ciência econômica repousa na análise de diferentes trabalhos do autor. Ainda que a vasta maioria de suas contribuições se destaquem pela crítica aos seus pares economistas, atenção especial deve ser concedida a alguns trabalhos componentes das bases da construção da teoria vebleniana que se apresentam entre os anos finais do século XIX e iniciais do século XX (Cavaliere, 2009; Krauzer, 2017). Cronologicamente temos o clássico “*Why Is Economics not an Evolutionary Science*” publicado em 1898 (central para a discussão aqui almejada), seguido da trilogia do “*The Preconceptions of Economic Science*” publicados entre 1899 e 1900, e, por último, mas não menos importante, “*The Place of Science in Modern Civilisation*”, de 1906.⁸ Nestes esforços, em um olhar atento, Veblen destaca não só a suas considerações sobre a ciência econômica, mas sobre o processo de cumulatividade do pensamento científico como um todo.

Em seu trabalho de 1898, é onde Veblen melhor discute suas considerações críticas à ciência econômica em seu sentido epistemológico. Segundo o autor, a ciência econômica contemporânea ao seu tempo demonstra descontinuidade em relação às demais ciências sociais do campo antropológico e psicológico (Veblen, 1898). Tal descontinuidade seria, segundo Veblen (1898), o reflexo da perpetuação de uma estrutura de conhecimento defasada, carregada desde as contribuições clássicas

⁷ No caso de Veblen, sua inquietação é declarada, pois vincula-se explicitamente às suas contribuições, principalmente em seus ensaios críticos à ciência econômica. Já no caso de Marshall, suas inquietações demonstram-se inferidas, pois evidenciam-se não de modo declarado, mas sim estruturado em suas diferentes contribuições.

⁸ Conforme destacado, estes trabalhos não esgotam a apresentação crítica de Veblen, mas encontram-se em lugar de destaque sobre este tema em sua vasta bibliografia.

do pensamento econômico. É neste sentido que Veblen (1898) reflete acerca de uma de suas mais importantes questões, que seria compreender o porquê de a ciência econômica não ser uma ciência evolucionária.

Segundo Edgell & Tillman (1989), a influência evolucionária de Veblen, repousa de maneira imperativa nas considerações de Charles Darwin e sua capacidade de explicação dos processos cumulativos. Para além de uma mera analogia teórica, esta concepção evolucionária transcende na teoria vebleniana como um forte pilar de sua epistemologia. Frisa-se que esta influência evolucionária não se baseia no darwinismo social originário de Spencer, o qual Veblen compreendia como persuasivo, mas inadequado ao inquérito de uma ciência social (Edgell & Tillman, 1989). Esta interpretação se faz clara nas contribuições originais de Veblen, bem como também são ratificadas por seus intérpretes no estudo da organização das ideias econômicas (ver Hamilton, 1970; Hodgson, 2004; Cavalieri, 2009; Camic & Hodgson, 2011).

Quando em seus esforços de reflexão à procura de sua questão fundamental de “por que a economia não é uma ciência evolucionária?”, Veblen (1898) reconhece que economistas contemporâneos, a exemplo de Marshall, buscam elementos de aprimoramento à teoria econômica visando sua maturação como corpo científico. Porém, este esforço é comprometido pela continuidade da utilização de noções tidas por Veblen como arcaicas à construção de uma ciência social, como por exemplo, através das inspirações naturalistas ligadas a teleologia (Veblen, 1898).

Conforme aponta Sowell (1967), nesta crítica, Veblen denuncia a ascensão teórica da lógica utilitarista pautada no marginalismo, em constante desenvolvimento na busca por equilíbrios e/ou então, forças motoras dos desejos econômicos. Esta lógica é, para Veblen (1898), a comprovação de seu diagnóstico, pois demonstra a concepção de uma teoria econômica infértil às ideias evolucionárias que, por sua vez, são fundamentais no entendimento da análise processual (Sowell, 1967). Portanto, a sua continuidade no corpo acadêmico da economia seria a causa primária desta esterilidade.

Uma vez estabelecida a fundamentação de sua crítica e antecedendo sua continuidade em apontamentos, Veblen destaca que diferentemente destas construções dadas e estáticas, a economia deveria se pautar na análise processual e na dinâmica de interação. Neste sentido, Veblen (1898) argumenta a necessidade de se estabelecer um inquérito científico evolucionário para a ciência econômica, sendo que, segundo o autor, “*qualquer ciência evolucionária [...] é um corpo teórico muito unido. É uma teoria de um processo, de uma sequência de desdobramento*” (Veblen, 1898, p. 375)⁹.

Portanto, Veblen (1898) propõe a ruptura da análise estática comparativa, em prol da devida atenção às relações causais cumulativas. Para Veblen, somente assim a ciência econômica estaria apta à compreensão dos processos de interação e, portanto, de mudança. Desse modo, é fundamental que

⁹ Tradução livre do autor a partir de: “*any evolutionary science [...] is a close-knit body of theory. It is a theory of a process, of an unfolding sequence*” (Veblen, 1898, p. 375)

seja atentada a relação que Veblen estabelece entre a análise dinâmica e a análise de processo evolucionário: a mudança é oriunda de um processo de causação cumulativa indissociável da sociabilidade no tempo e de seus efeitos. Ou seja, o ser humano é criatura de sua sociabilidade e história.

São nestas características que se destacam as influências da filosofia pragmática clássica em Veblen (Landsman, 1957; Dyer, 1986; Edgell & Tilman, 1989; Twomey, 1998). O pragmatismo, além de primeira escola filosófica pós-darwiniana, também se apresenta como precedente no estudo da psicologia como ciência autônoma (Webb, 2007). Conforme se destacará adiante, são em pilares pragmáticos que Veblen estrutura suas teorizações institucionais acerca dos hábitos e instintos¹⁰. Portanto, Veblen (1898) complementa suas considerações acerca deste processo evolucionário destacando o fundamental papel dos fatores psicológicos da sociabilidade humana. Segundo o autor, o estado da arte da ciência econômica obedece a cumulatividade dos hábitos de pensamento daqueles que a construíram ao longo do tempo, estabelecendo um *status quo* da ciência econômica e instituindo preconceções em sua construção¹¹.

É exatamente nesta observação que Veblen identifica a presença de elementos pré-evolucionários (que antecedem a análise processual da cumulatividade) na ciência econômica (Veblen, 1898). Em lugar de maior ênfase, conforme já comentado, Veblen cita a presença do animismo e da teleologia, principalmente através da invocação de uma naturalização do comportamento humano em sociabilidade, direcionado a finalidades específicas. Em segundo lugar, Veblen também destaca a lógica taxonômica da construção científica da economia, em seu sentido de ordenamento e organização de terminologias técnicas de/para a ciência econômica¹².

A primeira distinção é fundamental para compreender as características do processo evolucionário em Veblen. Afinal, a concepção de uma evolução melhorativa (ou seja, não-darwiniana), implica uma forte característica teleológica. É nestes termos que se distingue a interpretação evolucionária vebleniana, pautada em Darwin, de outras interpretações evolucionárias que, dentre outras influências, pautam-se em Spencer (Edgell & Tillman, 1989; Dugger, 1979). Neste sentido, a teleologia faz-se recorrentemente criticada nas contribuições de Veblen, pois na concepção do autor, este elemento epistêmico é dissociado da devida análise social e de sua repercussão histórica.

Complementarmente, é importante que seja elencada a relação que Veblen demonstra entre o aspecto habitual da sociabilidade e o aspecto material do mundo físico. Segundo Veblen (1898), as

¹⁰ O pragmatismo clássico se destaca por seu direcionamento ao entendimento do funcionamento prático do pensar. Neste sentido, buscam na observação dos fenômenos sociais os elementos que o explicam o seu funcionamento tendo como foco a percepção de seu objeto de estudo: o indivíduo, sua psicologia e a socialização. Portanto, o Pragmatismo prove à Veblen a veia filosófica-psicológica para fundamentação de sua teoria institucional (Landsman, 1957).

¹¹ Logo, é interessante observar que Veblen (1898) lê a construção do pensamento científico assim como qualquer outro esforço de uma coletividade, isto é, compreendendo suas especificidades institucionais.

¹² Aqui deve-se destacar o fundamental papel das analogias com outras ciências, como a física, em terminologias das quais destacam-se “força de oferta”, “ponto de equilíbrio”, “elasticidade” etc.

concepções pré-evolucionárias estavam diretamente relacionadas ao modo pré-industrial da manufatura que se ligava à lógica da causalidade apenas em termos de causa e efeito, exacerbando ideários animistas e teleológicos. Já em uma sociedade industrial moderna, na qual a produção obedece à causalidade cumulativa – como numa indústria em série – estas habituações passam a, cada vez mais, exprimir uma lógica de reflexão e raciocínio. É justamente sobre este último aspecto que se constrói a ponte para considerações de Veblen acerca das preconcepções¹³ da ciência econômica, o que é feito em maestria pelo institucionalista em sua trilogia de artigos da virada do século (Veblen, 1899a; 1899b; 1900)¹⁴.

Nestes trabalhos, Veblen (1899a; 1899b; 1900) apresenta uma narrativa da construção da ciência econômica apresentando relações entre o contexto das ideias dos economistas e suas proposições teóricas. Mais especificamente, Veblen se propõe a elencar a cumulatividade dos hábitos de pensamento dos teóricos da economia na construção de preconcepções sobre esta ciência. Conforme já antecipado, tais preconcepções vinculam-se intimamente aos aspectos animistas e teleológicos no inquérito científico que, por sua vez, se estabelece em laços íntimos com as ciências naturais, especificamente ligados à lógica mecanicista, a exemplo da física (Hamilton, 1970).

Portanto, o ímpeto crítico de Veblen (1899a) na construção de suas considerações acerca da ciência econômica, diz respeito, justamente, ao combate a esta estrutura de pensamento pautada na prerrogativa naturalista e teleológica. Através do naturalismo (em especial do animismo), os economistas estariam aprisionados a uma leitura metafísica da natureza em seu sentido “quase espiritual” (e.g. propensão à troca), no mesmo sentido que a teleologia os leva à observação dos fenômenos em seu direcionamento a uma finalidade específica e predeterminada (e.g. equilíbrio de mercado) (Veblen, 1899a; 1899b). Sendo assim, através destas preconcepções, os economistas não estariam abertos à construção de uma teoria econômica evolucionária, como objetiva Veblen.

Expressas nestes termos, as teorizações dos economistas contemporâneos a Veblen expurgam as considerações humanas de seu principal objeto de estudo – os indivíduos – em sua principal relação – a interação social (Veblen, 1900). Portanto, as críticas de Veblen mostram-se em consonância às suas proposições teóricas de cunho psicológico/filosófico, que tem como objetivo central a observação do processo de causação cumulativa pela ótica evolucionária (Landsman, 1957; Almeida & Luz, 2023). Este fenômeno é ímpar em menção, pois é um dos fundamentais pilares da unidade dos trabalhos de Veblen, aquilo que os une em consistência e coerência (Rutherford, 2011; Cavalieri, 2009).

¹³ No sentido empregado por Veblen (1899a; 1899b; 1900), as preconcepções podem ser compreendidas como fundamentos/ideias concebidos de forma prévia.

¹⁴ É importante que sejam observadas as diferentes relações econômicas na instituição do provisionamento social. Estas relações, quando compreendidas pela ótica da cumulatividade histórica, permite a observação das preconcepções tanto da ciência econômica quanto do sistema econômico. São nestes termos que parte considerável da crítica social do institucionalismo original se pautarão. Adiante, estes elementos críticos serão melhor explorados.

Frisa-se que as considerações de Veblen (1900) acerca das preconcepções não se estruturam em uma mera crítica de sua existência, mas sim em uma crítica de sua natureza. Afinal, Veblen compreende o papel da metafísica (em seu sentido ontológico) na construção de postulados e idealizações teóricas e, portanto, não se opõe a isto. Veblen compreende que os indivíduos estão imersos em contexto material e de ideias e estes, por sua vez, estruturam o pensamento destes autores. É nesta concepção que Veblen (1900) distingue sua crítica entre economistas clássicos e neoclássicos; os primeiros desempenham papel funcional dentro de seu contexto de possibilidades (tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista histórico), enquanto os neoclássicos – ao perpetuarem os antigos postulados, mesmo frente a novas ideias que exigiriam uma superação de seus métodos e das formas dos inquéritos científicos – estariam a incorrer em severo anacronismo (Veblen, 1900)¹⁵.

Neste sentido, e compreendendo que a problemática acerca das preconcepções se dá em termos de origem e não de existência, Veblen (1900) ainda destaca que suas proposições evolucionárias, assim como esperado, também se compõem como preconcepção. Porém, estas estariam em melhor alinhamento com o objeto de estudo da ciência econômica e em consonância com o contexto e a construção do inquérito científico moderno (pós-evolucionário) (Veblen, 1900). Nestes termos, as críticas de Veblen não buscam um ajuste conciliatório com a ciência econômica tradicional, mas sim uma ruptura em prol da reconstrução desta ciência em suas devidas bases. Dentre as principais alterações no inquérito científico da ciência econômica, destaca-se a substituição do “o quê?” para “como?” na indagação dos processos dinâmicos¹⁶.

Finalmente, quando Veblen (1906) tece considerações acerca do lugar da ciência na civilização moderna – ainda em grande consistência com seu inquérito científico – o faz retomando a conexão entre mundo material e mundo das ideias. Segundo Veblen (1906), a ascensão de uma sociedade industrial, pautada no avanço científico e suas benesses, desenvolve no pensamento social o triunfo de um pensar cada vez mais voltado ao desenvolvimento da própria ciência. Neste ponto, Veblen evoca mais uma vez sua influência pragmática destacando que, mais do que nunca, a sociedade em seu senso comum, substituía a crença, no sentido da metafísica esotérica/sobrenatural, por noções científicas.

Estas considerações de Veblen (1906) destacam o seu intuito de atualização da ciência econômica em um inquérito adequado a seu tempo e lugar. Afinal, a construção da economia em seu seio científico mostrou-se divorciada dos avanços de áreas do conhecimento que seriam correlatas à temática econômica, como por exemplo, a antropologia, a etnologia e a psicologia. Sendo assim, Veblen (1898; 1899a; 1899b; 1900; 1906) busca a colocação da ciência econômica em seu merecido lugar no *hall* das ciências sociais e humanas, pautadas por uma epistemologia convergente ao seu objeto de estudo que, por sua vez, segundo Veblen, se daria através de um paradigma evolucionário¹⁷.

¹⁵ Deve-se frisar que a terminologia “*neo-classical*” nasce em Veblen (1900), na concepção destas críticas.

¹⁶ E.g. “o que acontece?” e “como acontece?”.

¹⁷ Darwiniano, mais especificamente.

Conclusivamente, portanto, pode-se argumentar que os principais fatores balizadores das contribuições veblenianas repousam na insatisfação do autor com a abordagem epistêmica da ciência econômica (Veblen, 1898). Em especial, atenção é dada à presença da teleologia e ao animismo nas concepções de seus pares economistas. A fusão da crítica de Veblen com suas propostas teóricas amparam seu papel de fundador da teoria institucionalista que, a partir daquele momento, apresenta-se como uma das principais fontes críticas do pensamento econômico (Veblen, 1899a; 1899b; 1900). Conforme aqui é argumentado, o grande cerne das contribuições veblenianas baseiam-se na lógica evolucionária, da causação cumulativa (cega) de hábitos socialmente compartilhados e, portanto, das instituições. Logo, Veblen constrói desde sua base epistemológica uma teoria de corpo evolucionário¹⁸.

3.2. Sobre Alfred Marshall: por que a economia não é sistematizada em leis econômicas?

Assim como no caso de Veblen, Marshall também apresenta vasto número de contribuições ao pensamento econômico, elencando suas considerações acerca de diferentes temas (Pigou, 1925; Groenewegen, 2007). Ainda assim, observando as intenções da reflexão acerca de seu inquérito científico, alguns textos parecem destacar-se em importância, dos quais citam-se: *The Present Position of Economics*, de 1885, seu clássico *The Principles of Economics*, de 1890, (em especial, o primeiro livro), *The Old Generation of Economists and the New*, de 1897 e, por fim, mas não menos importante, *Mechanical and Biological Analogies in Economics*, de 1898.¹⁹ Estes trabalhos destacam a virtude de escrita e apresentação das principais ideias de Marshall, bem como elencam suas intenções ao pensamento científico da economia, trazendo à tona suas bases de argumentação em relação a uma sistematização do conhecimento econômico.

Seu *Principles* ([1890] 2013) subverte a cronologia nesta apresentação, pois tem, em sua construção, importantes elementos da percepção de Marshall que foram construídos ao longo dos anos que antecederam sua publicação e, portanto, se sobrepõe à parte dos demais trabalhos. Além de demonstrar-se como uma obra que alvitra a completude de suas reflexões, também é rica em elementos que aqui competem comentários. Esta consideração é importante, principalmente quando se observa o primeiro livro, dedicado a ser um “*preliminar survey*”, que se propõe à análise do objeto e da natureza da ciência econômica.

Em seu prefácio de primeira edição (1890) Marshall já apresenta algumas de suas impressões acerca da ciência econômica, por exemplo, reconhecendo-a como uma ciência secular, associada a características específicas de seu período, e mutável ao longo das gerações. Precisamente neste comentário, Marshall ([1890] 2013) destaca o pensamento econômico em seu sentido de crescimento

¹⁸ Neste esforço, o ponto principal é de apresentação das bases do pensamento do autor, especificando as suas considerações acerca da abordagem evolucionária e sua epistemologia. Adiante, ainda neste ensaio, buscam-se os elementos teóricos pertinentes à conexão entre Darwin e Veblen.

¹⁹ Conforme destacado, ainda que estes trabalhos não esgote a apresentação crítica de Marshall, encontram-se em lugar de destaque sobre este tema em sua vasta bibliografia.

lento e contínuo. Ao longo de suas considerações – ainda durante seu prefácio – aponta que o processo no qual a ciência econômica se insinua naquele momento, estrutura-se na analogia biológica, especificamente de Spencer, bem como na estrutura filosófica de Hegel. Portanto, desde já o crescimento lento e contínuo comentado por Marshall ([1890] 2013), quando na apresentação do pensamento econômico a ele contemporâneo, demonstra-se associado à lógica da superação e melhoramento. Para além de uma percepção, este parece ser também um objetivo de Marshall em sua sistematização teórica, que vê nesta estruturação do pensamento, os caminhos para o aprimoramento da ciência econômica em sentido de superação às limitações das teorias clássicas.

Conforme Mattos (2010) destaca, as contribuições marshallianas podem ser compreendidas como sucessoras das ideias John Stuart Mill, representante da economia clássica, e emancipadoras do movimento marginalista na Inglaterra, principalmente através da influência de William Stanley Jevons. Assim como seu antecessor clássico, Marshall também buscava a consolidação de um consenso teórico na forja de suas teorizações econômicas (Mattos, 2010).

Em 1920, já em sua oitava e última edição, seu prefácio parece incorporar aqueles que teriam sido os principais apontamentos ao seu trabalho até aquele momento e que, de maneira imperativa, destacam-se aqui em importância. Atenção especial é cedida àquilo que Marshall chama de a “Meca” dos economistas, que seria a biologia econômica e seu direcionamento ao entendimento do gradualismo na evolução da economia (Marshall, [1890] 2013). Conforme já destacado em seu prefácio da primeira edição, esta influência evolucionária demonstra-se em personagens *sui generis* e, portanto, de significado específico. Não à toa, na sequência de suas considerações acerca deste tópico, Marshall destaca que a análise estática da mecânica é auxiliar para a compreensão deste gradualismo evolucionário, uma vez que elenca as condições “normais” de uma vida moderna. Nesta lógica, ainda segundo Marshall, a dinâmica seria a compreensão destes fenômenos estáticos em suas variações relativas ao longo do tempo²⁰.

Portanto, Marshall ([1890] 2013) parece entender a “dinâmica” como diferente do “processo”. Enquanto a dinâmica vislumbra-se pela análise relativa dos fenômenos estáticos, o processo compete a compreensão destas mudanças no tempo. Esta consideração parece ser corroborada pelas teorizações de Marshall em mais de uma oportunidade, quando o autor esboça suas ideias em relação às limitações da análise mecânica (Glassburner, 1955; Mattos, 2010). Em mesmo sentido, esta consideração também é auxiliar ao entendimento das aproximações e complementaridades que Marshall estabelece entre estática e dinâmica em seu método de análise e apresentação de ideias.

Ao que segue este primeiro livro de seu *Principles* ([1890] 2013), especificamente em sua introdução, Marshall confina a ciência econômica na compreensão da riqueza e da humanidade em sua vida de

²⁰ Esta forma de apresentação da análise dinâmica se faz presente em mais de uma oportunidade nos escritos de Marshall: ([1885] 1925; [1898] 1925; [1890] 2013). Este elemento voltará para nossa análise na seção seguinte, ainda neste trabalho.

negócios ordinários, examinando as potencialidades individuais e sociais em suas demandas materiais buscando o bem-estar (Marshall, [1890] 2013). Logo, desde já, destaca-se no pensamento marshalliano o ímpeto da mensurabilidade e generalidade dos princípios econômicos. Em mesmo sentido, também é possível a observação à aderência de uma lógica utilitarista quando se menciona a busca pela satisfação de necessidades sem maiores qualificações acerca de sua identificação e natureza (ver Shove, 1942).

Em sequência, já em seu capítulo dois, Marshall busca esboçar elementos de uma “substância da economia” em seu sentido de ciência e organização de pensamento. Segundo o autor, mesmo que a economia não pudesse ser comparável à física, deveria ter como norte a sua capacidade de antecipação e mensuração de seus fenômenos. Para tal, Marshall reconhece a necessidade das abstrações em seu sentido de simplificação de um pensamento mais amplo, difuso e de direcionamentos gerais (Marshall, [1890] 2013). Afinal, deveriam ser buscadas as forças motoras basilares do interesse humano e da sociabilidade na já mencionada vida de negócios ordinários.

Este aspecto generalista da concepção teórica de Marshall responde às suas intenções para a ciência econômica. Conforme destaca Aspkr (1999) Marshall compunha o movimento de afastamento da economia política em seu sentido de construção de uma *economics* de disposições teóricas práticas que, conforme destacado, desenha-se para a compreensão da vida em uma sociedade de negócios. Em sentido semelhante, Glassburner (1955) e Shove (1942) enfatizam em Marshall a importante característica de sintetizador de ideias, principalmente visando a sua sistematização de uso e aplicação generalizada.

Ainda em sua análise da substância da economia, Marshall ([1890] 2013) reconhece o fundamental papel dos hábitos e costumes, porém já imersos na concepção da vida de negócios e, portanto, a ela direcionados. Ou seja, não os negligencia, mas os compreende como dados em um contexto de vida específico, voltados à lógica empresarial/industrial/comercial. É justamente nestes termos que se congregam os dogmas estruturantes da teoria marshalliana, pautados no “indivíduo egoísta” na busca por “ganhos pecuniários” (Aspkr, 1999)²¹. Segundo Marshall, não se trata de uma estrutura inerente do ser humano, mas sim adquirida por seus hábitos e costumes na vida de negócios ordinários. Portanto, ainda que não figurem por uma “naturalidade”, segundo Marshall, são características passíveis de uma generalização aceitável a compreensão da dinâmica econômica; do “organismo social” (*organon*)²².

Através destas considerações, Marshall direciona a sua proposta acerca das generalizações econômicas (ou leis), e da ordem e objetivos da economia, respectivamente nos capítulos três e quatro,

²¹ Marshall ([1890] 2013) comenta que a generalização do egoísmo se caracteriza por uma facilitação útil e funcional ao indivíduo em um contexto de negócios, reconhecendo que este comportamento pode ser contestado, sem prejuízos a sua teorização, em determinados contextos.

²² Marshall ([1890] 2013) utiliza-se da expressão “*organon*” para designar a uma analogia de organismo na estrutura social.

ainda do primeiro livro de seu *Principles*. Marshall ([1890] 2013) compreende as limitações das leis econômicas, principalmente elencando sua dificuldade de mensuração dadas as variáveis sociais. Ainda assim, destaca que as leis da ciência têm características de afirmações de tendências, o que, segundo Marshall, seria perfeitamente possível no caso econômico, dadas as características anteriormente citadas acerca de um organismo social em um contexto específico de negócios.

Neste sentido, Marshall argumenta o papel da ciência econômica em identificar as unidades concernentes ao estudo de seu fenômeno ou, em outras palavras, identificar suas leis e fundamentos (Aspkrs, 1999; Mattos, 2010). Sendo assim, designa à ciência econômica a coleção de fatos da vivência humana em sua rotina de negócios, buscando os elementos de recorrência em suas atribuições. Afinal, conforme anteriormente mencionado, na concepção marshalliana, o que se busca na economia é o conhecimento para guiar, em seu sentido prático, a vida em sociedade (Marshall, [1890] 2013).

Em observação de seus comentadores na organização da história das ideias econômicas, é possível identificar ratificação a estas considerações (ver Glassburner, 1955; Groenewegen, 2007; Aspkrs, 1999). Em passagem mais específica, Groenewegen (2007) destaca o abandono de Marshall sobre os estudos filosóficos associados ao inquérito científico da ciência econômica em termos psicologistas. Segundo o comentador, este afastamento, teria sido um dos viabilizadores da busca de Marshall por uma sistematização fundamental das teorizações acerca da interação humana, sem abrir mão dos avanços anteriores da ciência econômica (Groenewegen, 2007). Esta consideração mostra-se plausível, principalmente pela já comentada característica de conciliador das contribuições de Marshall (Mattos, 2010; Shove, 1942).

Portanto, Marshall parece transparecer uma característica fundamental do sistema econômico, em sua própria lógica epistêmica. Uma vez que a sociedade se desdobra no sentido de melhoramento e tem suas diretrizes gerenciadas pelos fundamentos (leis) econômicos, então sua presente configuração e estruturação é “naturalmente” concebida e adaptada. Ou seja, o sistema capitalista e suas especificidades, desenha-se como um estágio natural da organização econômica, tendo passado pela seletividade da história. É justamente ecoando convergência a esta consideração, que Hodgson (1993) e Luz & Fracalanza (2011) destacam o papel da influência spenceriana nas contribuições de Marshall²³.

Deste modo, ainda segundo Marshall ([1885] 1925), no caso da aplicação do conhecimento econômico, papel fundamental é direcionado ao comportamento humano egoísta. Segundo o autor, este fator é fundamental no ordenamento do interesse humano do ponto de vista econômico, pois está diretamente vinculado ao desejo e necessidade de provisionamento dos indivíduos. Em sentido semelhante, quando se vislumbram as potencialidades de mensurabilidade deste comportamento, o dinheiro apresenta papel fundamental, conforme adiantado em sua concepção de ciência econômica

²³ Estas leituras figuram-se em importância ímpar e serão retomadas adiante.

em seu *Principles* (Marshall, [1890] 2013). É neste ponto que Marshall [1885] 1925), cedendo crédito a Jevons, esboça de forma ilustrativa a existência de uma “utilidade marginal”, exemplificando os efeitos da distribuição de dinheiro entre indivíduos de diferentes classes sociais²⁴.

Quando Marshall apresenta suas ideias nestes termos, admite que parte das teorizações clássicas pecam pela omissão daquilo que ainda carecem em aprimoramento. Mais especificamente, menciona o papel dos historicistas e socialistas a respeito da leitura do sistema econômico, elencando-os como críticos não de uma falha, mas de uma omissão dos trabalhos de veia tradicional. Sobre o papel dos críticos historicistas, Marshall ([1885] 1925) reconhece a necessidade de melhor compreensão dos hábitos, costumes e seu processo histórico, mas frisa que esta análise *per se* não representa uma conjunção teórica. Já sobre o papel das críticas socialistas, Marshall busca argumentar o desconhecimento desses pensadores acerca dos já citados “fundamentos” econômicos que, por sua vez, desconversam com os ímpetos socialistas²⁵.

Findando suas considerações naquela oportunidade, mais uma vez Marshall traz luz à necessidade de construir uma ciência econômica como um sistema lógico que auxilie a compreensão e solução dos problemas econômicos²⁶. Este sistema lógico, conforme explanado até aqui, representa o “*organon*” do funcionamento econômico; sua compreensão através de suas forças fundamentais. Segundo Marshall ([1885] 1925), são nestes termos que repousa a presente preocupação da ciência econômica.

Finalmente, analisando o papel das analogias física e biológica na construção da retórica econômica, Marshall ([1898] 1925) destaca sua complementaridade. Segundo o autor, quando se buscam estas analogias, estruturam-se pensamentos acerca da análise estática e dinâmica e, contrariamente do tradicionalmente argumentado, não há antagonismo entre estas análises. Afinal, tais terminologias apresentam origem comum (da física) e, ainda segundo Marshall, diferenciam-se unicamente pela aplicação em seu objeto de estudo: estado estacionário (estática) e mudança relativa (dinâmica). Para Marshall, estas analogias fazem-se presente na retórica social em diversos autores, dentre os quais Marshall destaca Mill²⁷.

Quando se volta especificamente às reflexões acerca da analogia biológica, Marshall é explícito em apresentar evolução em seu sentido de progresso, mais especificamente daquilo que seria um crescimento orgânico, quando em sua analogia econômica. Neste sentido, ainda segundo Marshall

²⁴ Mais especificamente, Marshall comenta o impacto utilitário do dinheiro na percepção de um indivíduo rico e de um indivíduo pobre, destacando que o mesmo montante impacta de maneira distinta esses indivíduos.

²⁵ Marshall, em seu entendimento dos fundamentos econômicos, vislumbra uma única forma exequível de organização econômica. Segundo Marshall, os ímpetos socialistas estariam em franco desacordo com estes fundamentos econômicos e, portanto, seriam inexecutáveis.

²⁶ Aqui, papel fundamental é creditado por Marshall a ideia de escassez de recursos.

²⁷ Conforme se argumenta, esta concepção de análise dinâmica em Marshall deve-se às suas influências *sui generis* da biologia.

([1898] 1925), estas analogias dizem respeito ao fenômeno a ser observado e não à uma leitura da ciência em si. São nestes termos que o autor viabiliza a fusão de sua análise estática com as analogias biológicas. Em mesmo sentido, são nestas considerações que Marshall retoma sua argumentação em relação à biologia econômica (Marshall, [1898] 1925).

Conclusivamente, portanto, pode-se argumentar que os principais fatores balizadores do inquérito científico marshalliano repousam na busca pela continuidade da tradição econômica (Marshall, [1890] 2013; [1897] 1925; [1898] 1925). Este empenho parte do entendimento de que esta ciência possui bases adequadas a sua maturação, ainda que peque por omissões em sua estrutura. Neste sentido, Marshall ([1897] 1925) compreende as distinções entre velhos e novos economistas, identificando as necessidades de aprimoramento e cedendo seus apontamentos a este último grupo. Em seu sentido de aproximações à análise biológica, Marshall ([1898] 1925) utiliza-se majoritariamente de metáforas, não desenvolvendo a construção de um corpo teórico evolucionário. Sobre este ponto, mais especificamente, Marshall traz atenção à biologia econômica (a Meca dos economistas) no sentido de organicidade das mudanças e do crescimento econômico, ainda que não a especifique e nem a teorize.

4. Veblen e Marshall em Perspectiva: Algumas Considerações Importantes

Conforme se vislumbra na observação das questões fundamentais propostas para análise, tanto de Veblen quanto de Marshall, importantes distinções podem ser percebidas. Assim como se argumenta nesta diligência, estas diferenças são interpretadas como fundamentos dos inquéritos científicos destes autores. Afinal, a compreensão de como Veblen e Marshall observavam e lidavam com a ciência econômica é fundamental para que se compreenda em totalidade suas intenções em suas contribuições ao pensamento econômico.

De fato, apesar destas distinções apresentarem uma significativa clivagem entre os autores, ainda assim é reconhecida a aproximação comum em relação à biologia, ou então, mais especificamente, às teorizações evolucionárias (Veblen, 1898; Marshall, [1890] 2013). Afinal, em diferentes medidas, ambos os autores buscaram construir conexões importantes entre a análise da ciência econômica e o processo evolucionário. Veblen o faz de maneira sistêmica, recorrente e basilar em suas contribuições, enquanto Marshall o faz de maneira tímida, buscando metáforas úteis e evitando comprometimentos aos avanços, entendidos por ele, das concepções da economia tradicional (não-evolucionária).

Portanto, pode-se argumentar que, apesar de representar um elemento comum entre os autores, a temática evolucionária não compõe uma base consistente no inquérito científico de Marshall. Em outras palavras, é argumentável que Marshall não tinha como proposta basilar uma ciência econômica evolucionária, assim como Veblen. Importantes comentadores também chegam a estas constatações, como por exemplo, Glassburner (1955), Hodgson (1993) e Luz & Fracalanza (2012). Porém, vozes

contrárias, como Foss (1991), argumentam que Marshall pode sim ser interpretado “*como um genuíno teorizador evolucionário*” (Foss, 1991, p. 67).

Conforme buscou-se evidenciar na análise anterior, a interpretação de Marshall como um pensador evolucionário parece transcender em exagero. Suas metáforas, quando presentes, não propõem um ferramental analítico em torno de uma lógica evolucionária, ainda que se reconheça a utilização de elementos teóricos pertinentes ao campo biológico. Esta característica é fundamental na categorização do pensamento de Marshall, principalmente quando se contrasta suas contribuições com a perspectiva vebleniana. Mais do que isto, é argumentável não só a sua não adesão a um inquérito científico evolucionário, como sua característica afável ao inquérito diametralmente oposto do utilitarismo inglês (ver, Glassburner, 1955; Mattos, 2010). Para que se possa compreender a viabilidade destas idealizações em Marshall, mais uma vez recorre-se a sua análise em contraposição à Veblen, especificamente sobre suas respectivas influências evolucionárias e transbordamentos teóricos.

4.1. Teorias Evolucionárias e Teorias Econômicas: As Influências de Darwin e Spencer em Veblen e Marshall

Em sua fértil concepção evolucionária, Veblen contribui não só com a crítica à teoria econômica tradicional – ponderando sobre suas características anacrônicas e desconexas das demais ciências sociais – como também oferece alternativa. Já em 1899, Veblen publica uma de suas mais célebres obras, *The Theory of Leisure Class*,²⁸ que o consolida como um dos economistas mais influentes de seu tempo em território norte-americano (Rutherford, 2011). Deve-se mencionar que esta atenção ascende não só pelos méritos e ineditismos de sua obra, mas também pelo desconforto e descontentamento gerados por sua leitura da origem e da funcionalidade do *status quo* social (Cavalieri, 2009)²⁹.

Através de sua escrita ácida, Veblen ([1899] 2009) se utiliza de um contar regressivo da história, buscando pelos elementos que compõem as características do comportamento humano em uma sociedade estratificada. Logo, em sua gênese teórica, Veblen já se demonstra aberto ao diálogo à temática histórica e antropológica de seu objeto de estudo. Naquele momento, regredindo até o período por ele apresentado como “selvageria pacífica”, Veblen apresenta os primeiros traços de uma ascensão da estratificação social. Segundo o autor, daquele momento em diante, os processos sociais se destacariam na busca pela distinção e, em consequência, pelo nascimento do “barbarismo”. Sendo assim, conforme destacam Camic & Hodgson (2011), é importante frisar que Veblen objetiva nesta

²⁸ Título original completo: *The Theory of The Leisure Class: An Economic Study of Institution*.

²⁹ Mais uma vez, devem ser retomadas as considerações de Galbraith (1977), em específico de seu capítulo dois. Afinal, a teoria institucionalista de Veblen, descontrói os ideais do darwinismo social amplamente difundidos por Spencer durante aquele período em território norte-americano. Diferentemente de justificar o *status quo* através da ideia de “evolução dos mais fortes”, Veblen apresenta a trajetória humana pelo compartilhamento de hábitos bárbaros que culminaram na estratificação social. Portanto, Veblen não só apresenta uma nova concepção teórica, mas também ataca a todo um senso de época voltado a fomentar e justificar ideias de superioridade étnica, social, econômica, etc.

apresentação, a construção de uma teoria econômica que compreende o indivíduo como imerso em seu próprio processo histórico. Portanto, Veblen vê como fundamental a regressão da análise econômica aos princípios da organização social, pois entende que suas características atuais são resultado do processo de causação cumulativa que naquele momento se originaram (Dugger, 2006; 1979).

É neste ponto que Veblen se destaca pela teorização institucional, compreendendo que o indivíduo em sua socialização apresenta o compartilhamento de hábitos (ver Dugger, 1979). Através deste compartilhamento criam-se pensamentos e costumes institucionalizados, dando origem às características fundamentais do comportamento humano em sociedade. Com base nestes elementos é que Veblen ([1899] 2009) especifica em recorte seu objeto de estudo, elencando a ascensão da “classe ociosa” – a classe mais elevada na estratificação social – à gênese destas instituições bárbaras de busca pela distinção.

Ainda que inicialmente evidenciados seus esforços evolucionários naquela obra, Veblen os ecoa em recorrência em suas demais contribuições. Uma vez que a totalidade das obras veblenianas não podem aqui ser evidenciadas, é trazida atenção ainda àquelas contribuições que se demonstram úteis para a comparação com o caso marshalliano a ser explorado na sequência: sua análise da empresa de negócios, em *The Theory of Business Enterprise*, de 1904; e seu exame acerca do estado da arte industrial, em *The Instinct of Workmanship and the State of the Industrial Arts*, de 1914. Nestas obras Veblen apresentará elementos que nos levam a reflexão acerca dos antagonismos presentes na mentalidade de mercado e no interesse de provisionamento, bem como nos dá insumos para a identificação dos processos que dão origem à indústria (Veblen, [1904] 2017; [1914] 2018). Mais uma vez, frisam-se as imperativas conexões das teorizações de Veblen com importantes aspectos da antropologia e da incipiente psicologia, assim como já evidenciado em sua obra prima de 1899.

Especificamente em sua contribuição de 1904, Veblen exhibe o papel dicotômico da empresa, uma vez que apresenta uma faceta industrial, voltada ao provisionamento, e uma faceta gerencial, voltada aos negócios (Veblen, [1904] 2017). Segundo Veblen, esta característica dicotômica desenvolve-se no processo histórico do capitalismo e demonstra-se como imperativa na delação da desconexão dos ímpetus deste sistema produtivo com os propósitos do sistema econômico (provisionamento social). Uma vez que a empresa, direcionada pelo seu ímpeto aos negócios, volta-se à busca pelo lucro, seu processo de produção passa a ser uma mera consequência da busca pelo acúmulo de capital (Dugger; 1980; Bush, 1979). Ou seja, através de suas reflexões nesta obra, Veblen apresenta a característica de dominância do aspecto “cerimonial” dos negócios (gerar lucros), em relação a sua finalidade “instrumental” (gerar provisionamento)³⁰.

³⁰ A dicotomia instrumental-cerimonial é recorrente na temática vebleniana, pois compreende parte fundamental dos entendimentos acerca da mudança institucional. Sua relevância e características, são bem apresentadas no debate contemporâneo através das contribuições de Bush (1987).

O contar de história de Veblen acerca deste processo antropológico é feito em maestria pelo institucionalista em sua obra de 1914. Naquela oportunidade, Veblen traça importantes paralelos entre a organização social e o provisionamento social. Através de método muito semelhante à sua obra sobre a classe ociosa, Veblen agora atenta-se à compreensão das características que viabilizam a incorporação do “barbarismo” nas formas de produção, chegando até o estado da arte industrial. Assim como em suas obras anteriores, Veblen ([1914] 2018) cede papel fundamental aos hábitos, afinal, estes fundamentam as instituições, entre as quais, o próprio sistema capitalista-industrial.

É inegável que a teoria vebleniana respira um paradigma evolucionário que explicita o caráter darwiniano através das contradições e da cumulatividade (ver, Dugger (1988; 2006; 1979); Hodgson, (1992; 2004)). Veblen utiliza-se desta construção epistemológica para estabelecer uma leitura processual da ciência econômica, compreendendo seu papel na realidade histórica, material e social. Portanto, pode-se argumentar que a lógica darwiniana aplicada à temática econômica por Veblen, baseia o seu ceticismo, atuando no sentido de desconstruir o ímpeto “naturalista” tão recorrente no pensamento econômico e antagonizando o entendimento de “equilíbrio natural das coisas” em relação às capacidades de organização econômica e bem-estar social.

Diferentemente de Veblen, mesmo Marshall se utilizando da prerrogativa evolucionária, apresenta severa dificuldade na incorporação de seus elementos em sua composição metodológica e teórica. Sua epistemologia, em essência, permanece prisioneira de associações mecanicistas, delatando sua influência das ciências naturais e o interesse de continuidade da tradição econômica (Hodgson, 1993). Conforme aqui argumenta-se, Marshall compunha um contexto bastante disciplinar da ciência econômica em seu sentido de maturação e sistematização por suas bases clássicas, mesmo que reconhecendo a demanda por reorganizações metodológicas (Blaug, 2016; Mattos, 2010). Portanto, a busca por elementos evolucionários em suas contribuições é menos árdua e menos diversa do que no caso vebleniano³¹.

A ampla percepção e o exemplo de maior recorrência de uma contribuição evolucionária nos trabalhos de Marshall recaem em seu *Principles*. (ver Hodgson, 1993; Reisman, 1987; Niman, 1991; Luz & Fracalanza, 2012)³². Esta obra materializa-se como uma das principais contribuições de Marshall, uma vez que seu processo de idealização e construção perduraram durante anos, principalmente pela característica autocrítica de seu autor, conforme aponta Keynes (1925). Em sua concepção, logrou êxito no campo econômico, tornando-se um dos principais livros base desta ciência pelos anos seguintes (Pigou, 1925).

³¹ Ainda assim, conforme se argumentará adiante, a mescla entre uma perspectiva evolucionária e mecanicista será um elemento importante para a compreensão das contribuições de Marshall. Afinal, através desta concepção híbrida oriunda do spencerianismo, Marshall habilita-se a uma nova organização metodológica e teórica para a ciência econômica e suas proposições (principalmente em seu sentido moral).

³² Mais especificamente, pode-se argumentar que seu quarto livro compreende a parte fundamental das analogias biológicas.

Conforme vislumbra-se em vasta bibliografia, as bases do pensamento marshalliano repousam na retificação de ideias tradicionais da ciência econômica. Parte significativa destas retificações vinculam-se à busca pela incorporação dinâmica e a analogia orgânica (Reisman, 1987). Desse modo, o aspecto de maior dificuldade em entendimento quando analisa-se Marshall e suas intenções evolucionárias, é a compreensão acerca das vias pelas quais se viabilizaram as sobreposições entre mecanicismo e evolucionismo (ver Hodgson, 1993; Niman, 1991). Neste sentido, algumas tratativas de seu *Principles* devem ser evidenciadas.

Assim, em seu livro quatro, apresentando as aproximações de uma diferenciação orgânica na organização industrial, Marshall ([1890] 2013) coloca em evidência clara sua apreciação e aproximação às ideias de Spencer. Segundo o autor, a mudança industrial da homogeneidade para a heterogeneidade representa a sinalização do progresso, compreendendo as características da diferenciação e da integração neste processo (Marshall, [1890] 2013)³³. Sobre este aspecto, Luz & Fracalanza (2012) sinalizam a ideia de um princípio de continuidade, representando pela lógica incremental de mudança que, portanto, além de teleológica é não disruptiva³⁴. É justamente com estes traços que Marshall apresenta sua concepção de crescimento “orgânico” contínuo³⁵.

Complementarmente, quando Marshall ([1890] 2013) aplica a análise deste processo em termos relativos, utiliza-se do princípio da substituição. Neste princípio, entende-se a racionalidade como auxiliar da ação humana na escolha entre diferentes alternativas. Dada sua matriz teórica, por óbvio, a melhor alternativa é aquela que leva seu agente à escolha maximizadora de sua utilidade (Marshall, [1890] 2013). São nestes termos que Marshall adere ao cálculo diferencial como ferramental analítico da observação da mudança em termos relativos e, conseqüentemente, à mensurabilidade dos fenômenos econômicos (Marshall, [1890] 2013; Hodgson, 1993; Reisman, 1987).

Estas idealizações são melhor compreendidas em Marshall quando retomados os aspectos fundamentais de sua influência spenceriana, que repousa na distinção entre as leis fundamentais e leis fenomênicas (Luz & Fracalanza, 2012). Conforme visto, a imperatividade das leis físicas (fundamentais) sobre as leis fenomênicas, justificam a perspectiva marshalliana acerca da mudança não disruptiva e de direcionamentos específicos a sua finalidade (e.g. escolha ótima e equilíbrio). Afinal, os processos envoltos nesta perspectiva de “evolução”, comporiam as leis fenomênicas regidas pelas leis fundamentais do mundo físico (Luz & Fracalanza, 2012).

Desse modo, frente ao entendimento das viabilidades de uma lógica spenceriana de análise, o elemento do estranhamento oriundo da mescla entre perspectiva evolucionária e mecanicista cessa

³³ Sobre este ponto, Hodgson (1993) frisa que devem ser observadas as influências lamarckianas que transbordam através das bases spencerianas absorvidas por Marshall.

³⁴ Esta percepção é insumo importante para a apreciação da “lógica evolucionária” marshalliana também em relação a outros autores que se propuseram a esta análise, como por exemplo, Schumpeter.

³⁵ Mais uma vez, deve-se frisar que, assim como em Spencer, para Marshall, “evolução” e “progresso” detêm o mesmo significado.

(Niman, 1991; Hodgson, 1993). Afinal, conforme aqui demonstra-se, a interpretação *sui generis* do processo evolucionário pela ótica de Spencer, permite a fusão destes elementos analíticos que, tradicionalmente, podem ser vislumbrados como antagônicos. Desse modo, o caráter teleológico das interpretações spencerianas e, portanto, marshallianas, não significam mero elemento teórico, mas sim agem como pilar fundamental de uma estruturação epistemológica de resultados bastante específicos (Hodgson, 1993; Luz & Fracalanza, 2012).

Neste sentido, Marshall ([1890] 2013) elenca paralelos do desenvolvimento de um organismo físico e uma estrutura social, entendendo que este processo de desenvolvimento repousa na subdivisão de suas diferentes partes, ao mesmo tempo que aumentam as conexões entre elas. Como exemplo, no capítulo VII de seu sexto livro, Marshall ([1890] 2013) retoma a ideia da diversificação industrial, bem como a diversificação de seus insumos componentes (divisão da mão de obra, especialização da maquinaria etc.). Nesta lógica, Marshall insinua que o estado da arte da indústria inglesa é a expressão de um fim processual da evolução da sociedade, que se iniciou em seu estado primitivo e culminou na revolução industrial, delatando, mais uma vez, a ideia que associa evolução ao progresso. Esta leitura parece ser ratificada por Hodgson (1993) e Luz & Fracalanza (2012).

Desse modo, ainda que não se possa aqui explorar a totalidade das contribuições de Veblen e Marshall, importantes distinções puderam ser introduzidas. Veblen, além de estruturar um corpo teórico pertinente à temática evolucionária, o faz baseado em sua influência darwiniana de variação e descendência em um processo de cumulatividade. Marshall, ainda em forte estruturação mecanicista, viabiliza aproximações com o campo orgânico através de sua influência spenceriana de continuidade e substituição, sendo imperativa a idealização de uma finalidade teleológica.

Finalmente, argumenta-se as diferenças em termos de consequências teóricas nas abordagens destes autores, principalmente atentando a importantes aspectos da filosofia moral e da economia política.

5. Considerações Finais

Este trabalho constrói importantes reflexões acerca da temática evolucionária nas considerações de Thorstein Veblen e Alfred Marshall.

Primeiramente, se destaca que o período em que os autores se encontravam inseridos era excepcionalmente fértil para a ascensão de ideias de cunho evolucionário. Afinal, os avanços explicativos das ciências biológicas foram fundamentadores do aprimoramento acadêmico daquele período, gerando, por óbvio, transbordamentos para as demais áreas do conhecimento científico. Ou seja, pode-se argumentar que estes autores apresentam uma inquietação evolucionária que era comum aos seus pares em seu sentido de tempo e contexto.

Em segundo lugar, quando se analisam as bases de inquérito científico de Veblen e Marshall, se identifica uma distinção importante que, apesar de evidente na bibliografia, mostra-se imperativa

nos contrastes que neste trabalho buscaram ser feitos. Enquanto Veblen dedica-se à construção de uma ciência econômica evolucionária, de bases darwinianas e em diálogo fraco com as demais ciências sociais, Marshall se estabelecia como conciliador das prerrogativas da economia tradicional com o marginalismo, compreendendo a ascensão da retórica evolucionária através das contribuições spencerianas. Portanto, observa-se em Veblen a ambição de construção de um inquérito científico voltado à temática evolucionária da cumulatividade, enquanto em Marshall observa-se a manutenção do *status quo* econômico pautado em sua lógica mecanicista, ainda que em busca de retificações em seu sentido dinâmica/orgânico.

Em terceiro lugar, quando se volta a algumas considerações acerca das contribuições de Veblen e Marshall atentando aos seus influenciadores evolucionários, notam-se mais elementos de afastamento entre os autores. A prerrogativa evolucionária de Veblen, pautada no darwinismo, auxilia o institucionalista à construção de uma teoria da mudança que leva em consideração a cumulatividade na história. São nestes termos que o autor se utiliza de sua influência pragmática quando teoriza sobre hábitos, instintos e instituições. Em sentido oposto, a prerrogativa evolucionária que se argumenta em Marshall repousa em berço spenceriano, pautado no processo de mudança pela substituição em direção ao melhoramento, sendo ancorado numa perspectiva utilitarista, o que viabiliza a manutenção de seus ímpetus teleológicos e mecanicistas.

Finalmente, deve-se atentar ainda às implicações destas distinções nos respectivos corpos teóricos destes autores. Conforme se buscará trabalhar nos ensaios posteriores, a concepção de teorias econômicas que destoam nestas bases evolucionárias, empreende diferentes conclusões acerca dos processos históricos e sociais. Neste sentido, papel fundamental é exercido pelo aspecto teleológico e animista da composição teórica marshalliana, quando em contraposição à lógica vebleniana.

REFERÊNCIAS

- Almeida, F. & Luz, M. (2015) Appropriation, beliefs, and inculcation: Some Other Connections Between American Pragmatism and Veblen's Conspicuous Consumer. *Brazilian Journal of Political Economy*, vol. 43.
- Aspkrs, P. (1999) The Economic Sociology of Alfred Marshall - An Overview. *American Journal of Economics and Sociology*
- Blaug, M. (2016) *Metodologia da Economia*. Editora USP
- Bush, P. (1987) The Theory of Institutional Change. *Journal of Economic Issues*.
- Camic, C. & Hodgson, G. (2011) *The Essential Writings of Thorstein Veblen*. Routledge Taylor & Fracis Group.
- Cavaliéri, M. (2009) *O Surgimento do Institucionalismo Norte-Americano: Um Ensaio Sobre o Pensamento e o Tempo de Thorstein Veblen*. Tese de Doutorado CEDEPLAR/UFMG
- Darwin, C. ([1859] 2014) *A Origem das Espécies*. Editora Martin Claret
- Dugger, W. (1979) The Origins of Thorstein Veblen's Thought. *Social Science Quarterly*
- Dugger, W. (1980) Power: An Institutional Framework of Analysis. *Journal of Economic Issue*
- Dugger, W. (1988) Radical Institutionalism: Basic Concepts. *Review of Radical Political Economics*
- Dugger, W. (2006) Veblen's Radical Theory of Social Evolution. *Journal of Economic Issues*
- Dyer, A. (1986) Veblen on Scientific Creativity - The Influence of Charles S. Peirce. *Journal of Economic Issues*
- Edgell, S. & Tilman, R. (1989) The Intellectual Antecedents of Thorstein Veblen - A Reappraisal. *Journal of Economic Issue*
- Foss, J. (1991) The Suppreion of Evolutionary Approaches in Economics: The Case of Marshall and Monopolistic Competition. *Methodus*
- Freeman, D. (1974) The Evolutionary Theories of Charles Darwin and Herbert Spencer. *Current Anthropology*
- Galbraith, J. (1977) *A Era da Incerteza*. São Paulo: Editora Pioneira.
- Glassburner, B. (1955) Alfred Marshall on Economic History and Historical Development. *The Quarterly Journal of Economics*.
- Groenewegen, P. (2007) *Alfred Marshall: Economist (1842-1924)*. Palgrave Mcmillan.
- Hamilton, D. (1970) *Evolutionary Economics: A Study of Change in Economic thought*. University of New Mexico Press.

- Hamilton, W. (1919) The Institutional Approach to Economic Theory. *The American Economic Review*.
- Hodgson, G. (1992) Thorstein Veblen and Post-Darwinian Economics. *Cambridge Journal of Economics*
- Hodgson, G. (1993) The Mecca of Alfred Marshall. *The Economic Journal*
- Hodgson, G. (2004) *The Evolution of Institutional Economics: Agency, Structure and darwinism in American Institutionalism*. Routledge Taylor & Francis Group.
- Hodgson, G; (2005) Generalizing Darwinism to Social Evolution: Some Early Attempts', *Journal of Economic Issues*, 39(4), December 2005, pp. 899-914.
- Hodgson, G. (2006) 'Why We Need a Generalized Darwinism: And Why a Generalized Darwinism is Not Enough', *Journal of Economic Behavior and Organization*, 61(1), September 2006, pp. 1-19.
- Hodgson, G. (2010) Learning From Early Attempts to Generalize Darwinian Principles to Social Evolution', *Journal of Evolutionary Psychology*, 8(2), June 2010, pp. 153-67
- Jensen, H. (1990) Are There Institutional Signposts in The Economics of Alfred Marshall. *Journal of Economic Issues*
- Jevons, ([1888] 2005) *The Theory of Political Economy*. Liberty Found.
- Jorgensen & Jorgensen (1999) *Thorstein Veblen: Victorian Firebrand*. M.E. Sharpe.
- Keynes, J. (1925) Alfred Marshall, 1842-1924. In Pigou, A. "Memorials of Alfred Marshall". Macmillan.
- Krauzer, F. (2017) *Thorstein Veblen: Suas Influências, Críticas e Contribuições Para a Construção de uma Ciência Econômica Evolucionária*. Dissertação de Mestrado: PPGD&E/UFSM
- Landsman, R. (1957) *The Philosophy of Veblen's Economics*. Science & Society
- Luz, M. & Fracalanza, P. (2011) *Alfred Marshall e as Evoluções Vitorianas: situando Darwin e Spencer nos Fundamentos Teóricos do Pensamento Marshalliano*. Nova Economia
- Marshall, A. ([1885] 1925) The Present Position of Economics (Lecture). In Pigou, A. "Memorials of Alfred Marshall". Macmillan.
- Marshall, A. ([1890] 2013) *Principles of Economics*. Palgrave Classics in Economics
- Marshall, A. ([1897] 1925) The Old Generation and the New. In Pigou, A. "Memorials of Alfred Marshall". Macmillan.
- Marshall, A. ([1898] 1925) Mechanical and Biological Analogies in Economics. In Pigou, A. "Memorials of Alfred Marshall". Macmillan.
- Mattos, L. (2010) Marshall e os Críticos da Economia Política Clássica. *Revista de Economia Política*.
- Mayr, E. (2006) *Uma Ampla Discussão: Charles Darwin e a Gênese do Moderno Pensamento Evolucionário*. Funpec
- Mirowsky, P. (1994) *Natural Images in Economic Thought - Markets Read in Tooth and Claw*. University of Notre Dame
- Monasterio, L. (1998) *Guia Para Veblen: Um Estudo Acerca da Economia Evolucionária*. EDUFPEL.
- Niman, (1991) Biological Analogies in Marshall's Work. *Journal of the History of Economic Thought*.
- Perrish, J. (1967) Rise of Economics as an Academic Discipline: The Formative Years to 1900. *Southern Economic Journal*.
- Popper, K. (1950). *A Sociedade Aberta e Seus Inimigos*. Belo Horizonte: Livraria Itatiaia Editora Ltda.
- Pigou, A. (1925) In Memoriam: Alfred Marshall. In Pigou, A. "Memorials of Alfred Marshall". Macmillan
- Reisman, D. (1987) *Alfred Marshall: Progress and Politics*. Pelgrave Macmillan
- Robbins, L. (1981) *Economics and Political Economy*. The American Economic Review.
- Rutherford, M. (2011) *the Institutional Movement in American Economics, 1918-1947*. Cambridge Press.
- Shove, G. (1942) The Place of Marshall's Principles in the Development of Economic Theory. *The Economic Journal*
- Sowell, T. (1967) *The Evolutionary Economics of Thorstein Veblen*. Oxford Economic Papers.
- Spencer, H. ([1862] 2009) *First Principles*. Cambridge Library Collection.
- Spencer, H. ([1857] 2002) *Do Progresso: Sua Lei e Sua Causa*. eBooksBrasil.
- Spencer, H. ([1851] 2009) *Social Statics Abridged and Revised Together with the Man Versus the State*. Williams and Norgate.
- Taussig, F. (1924) Alfred Marshall. *The Quarterly Journal of Economics*.
- Tigre, P. (2005) *Paradigmas Tecnológicos e Teorias da Firma*. Revista Brasileira de Inovação.
- Twomey, P. (1998) Reviving Veblenian Economic Psychology. *Cambridge Journal of Economics*.
- Veblen, T. ([1899] 2009) *The Theory of the Leisure Class*. Oxford University Press
- Veblen, T. ([1904] 2017) *The Theory of Business Enterprise*. Createspace Independent Publishing Platform
- Veblen, T. ([1914] 2018) *The Instinct of orkmanship and the State of the Industrial Arts*. Forgotten Books
- Veblen, T. (1899a) The Preconceptions of Economic Science. *The Quarterly Journal of Economics*.
- Veblen, T. (1899b) The Preconceptions of Economic Science II. *The Quarterly Journal of Economics*.
- Veblen, T. (1900) The Preconceptions of Economic Science III. *The Quarterly Journal of Economics*.
- Veblen, T. (1989) Why is Economics Not an Evolutionary Science?. *Quarterly Journal of Economics*.
- Webb, J. (2007) Pragmatism (Plural) Part I - Classical Pragmatism and Some Implications for Empirical Inquiry. *Journal of Economic Issues*